

OURO *Avalia*

Compramos
ouro - prata - jóias - relógios
Avaliações gratuitas

Av João XXI 9 C | 1000-298 Lisboa
www.ouroavalia.pt
Tel. 211932525 | Tlm. 963504642



PIONEIROS NO MAR
COMÉRCIO DE PRODUTOS ALIMENTARES

Peixe fresco | Marisco vivo
Bacalhau salgado | Pré-cozinhados
Produtos Congelados | Entregas em casa

facebook.com/pioneirosnomar @pioneirosnomar

Mercado 31 de Janeiro, Loja 14
Rua Eng. Vieira da Silva, 1 | 1050-105 Lisboa
21 315 75 09 | 91 788 89 69 | pioneirosnomar@gmail.com

Carlos Ardisson quer Parque das Nações com mais glamour



Há 20 anos a residir no Parque das Nações, o novo presidente eleito para a Junta de Freguesia, Carlos Ardisson, quer recuperar a qualidade do espaço público do Parque das Nações, prometendo «iniciar o caminho da requalificação do espaço público», devolvendo a essa zona da capital «o esplendor» que já teve. // P. 10-11

INFORMAÇÃO REGIONAL | DIRETOR: MÁRIO RODRIGUES | 4º TRIMESTRE 2021 | Nº 15 | 1€ | INCENTIVO À LEITURA

Moedas promete devolver 32 milhões aos lisboetas

Reduzir o preço do estacionamento da Empresa Municipal de Estacionamento de Lisboa (EMEL) para metade e «baixar os impostos aos lisboetas», começando por devolver «os 32 milhões de euros que são cobrados de IRS aos munícipes e que revertem para a autarquia», são duas promessas do novo presidente da Câmara de Lisboa. // P. 8-9



olhares
de lisboa.pt

Marchas populares devem regressar à Avenida

A crise sanitária paralisou o movimento associativo popular que, sem apoios governamentais e municipais, podem não reabrir portas, admite a Associação das Coletividades do Concelho de Lisboa, defendendo, contudo, que as coletividades estão «prontas para a luta e voltarem, em força, aos desfiles das Marchas Populares na Avenida da Liberdade, em 2022». // P. 14



Transição “pacífica” na Câmara Municipal de Lisboa

À entrada das comemorações de 5 de Outubro, o presidente eleito na autarquia de Lisboa, Carlos Medina, destacou que o convite de Fernando Medina é a prova de que a transição de pastas está a ser pacífica. // P. 3



Regresso à normalidade vai ser lento

Depois da esperança trazida por uma retoma relativamente rápida da atividade económica em Junho, acumulam-se os sinais de que a velocidade da recuperação está a diminuir, confirmando a ideia de que um regresso das economias aos níveis anteriores à pandemia ainda vai ser demorado. Esta é a convicção dos responsáveis da União de Associações do Comércio e Serviço, da Associação dos Comerciantes dos Mercados e do Turismo de Lisboa. // P. 4 a 6 e 15

Expansão do metro custa 554 milhões de euros

O Metropolitano de Lisboa e a estrutura Recuperar Portugal já assinaram os contratos para financiar a linha vermelha até Alcântara e o metro ligeiro de superfície Odivelas/Loures, com 554 milhões de euros do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR). // P. 12



Comida caseira ultracongelada

TAKE AWAY

ENTREGAS GRÁTIS EM LISBOA

LOJA ONLINE: aquinaocomes.pt/lisboa

SEG. A SEX: 11H-20H | SÁB.: 10H-14H

Rua de Entrecampos, 2B - junto ao Campo Pequeno - 1000-152 Lisboa

☎ 936 727 720 - ✉ lisboa@aquinaocomes.pt - 🌐 http://www.aquinaocomes.pt/



10%

COM APRESENTAÇÃO
DESTE TALÃO EM LOJA
VÁLIDO ATÉ 31-12-21



Novos tempos, estamos prontos!



As recentes eleições autárquicas ditaram, para muitos, uma surpreendente viragem política na cidade.

As sondagens apontavam para uma confortável vantagem da

Coligação Mais Lisboa de Fernando Medina sobre a Coligação Novos Tempos liderada por Carlos Moedas. A esquerda acomodada ao poder local exibia-se segura da reeleição e houve até quem, mais à direita, festejasse antes de tempo a eleição do seu primeiro vereador. Mas, na noite eleitoral, não foi assim.

Só quem não conhece a cidade e o seu genoma poderia acreditar que Lisboa estava no caminho certo tão aclamado pela maioria de esquerda no executivo municipal.

É que a Lisboa não basta estar mais bonita! Faltou ao edil camarário, nomeadamente desde 2013, tacto para os alfacinhas.

A ineficaz regulação da turistificação da cidade, e a consequente gentrificação, afastou dos bairros históricos as suas gentes. Quem vive no coração da tradição popular teve que abandonar o seu berço e estabelecer-se noutros pontos da cidade e, até mesmo, ir residir para outras localidades.

As políticas radicais na mobilidade criaram conflitos entre automobilistas e ciclistas bem como entre os peões e os utilizadores de trotinetes.

A exacerbada fiscalização da EMEL, a redução do estacionamento nos principais eixos viários e o incremento de mais zonas ZEDL aumentaram o sentimento de ataque ao automobilista.

Nos últimos 4 anos faltou investimento na cultura, no desporto, nas associações e nos clubes. Hoje temos uma comunidade desligada do associativismo recreativo, desportivo e cultural porque esse foi abandonado à sua sorte.

Lisboa foi capital europeia do desporto em 2021 e capital europeia verde em 2020 sem qualquer carisma.

Em 2017 prometeram creches e centros de saúde que não estão abertos. Prometeram 6 mil casas de renda acessível que ainda não existem. A habitação municipal ainda é praticamente inacessível para a classe média.

Nem um passo atrás!



A vitória de Carlos Moedas, nas últimas eleições autárquicas, motivada pela perda de mais de vinte mil votos de Fernando Medina, abriu um novo ciclo político na cidade que coloca em risco algumas das conquistas – muitas delas limitadas, é certo – que as pessoas foram obtendo ao longo destes anos.

Sabemos como a governação do PS, com António Costa e Fernando Medina, foi limitada nas questões centrais da cidade. Na habitação, houve sempre o entendimento de que os interesses dos fundos imobiliários, dos grandes proprietários, dos vistos gold e da turistificação da cidade eram compatíveis com as necessida-

Faltou a Fernando Medina tacto. Faltou ao edil camarário a humildade para ler os sinais de descontentamento dos lisboetas. Faltou a humildade para ouvir e aceitar propostas da oposição.

Durante os 14 anos de governo socialista da cidade, foram inúmeras as notícias ruidosas sobre projectos urbanísticos. Por fim, a falta de sigilo com os dados pessoais de manifestantes.

Em algumas freguesias houve quem pecou na vaidade. Os eleitores castigaram-nos.

É o fim de um longo ciclo de 14 anos! Mas o que é que podemos esperar destes Novos Tempos?

Principalmente um Presidente da Câmara Municipal de Lisboa junto das pessoas, um homem de rua e do terreno. Carlos Moedas ouvirá quem o interpele, visitará todos os lugares.

Tentará ganhar a confiança de todos os departamentos municipais, divisões e seus trabalhadores, pois sabe que uma máquina motivada é essencial para a prossecução do interesse público municipal.

Não sou eu que o digo, foi Carlos Moedas que o disse por diversas vezes. Palmilhei a seu lado a cidade nesta campanha eleitoral. Acreditem, ele é um homem muito motivado e focado no bem fazer.

Para Carlos Moedas não ter a maioria no Executivo e na Assembleia Municipal não será impeditivo para concretizar o seu programa. É um homem de diálogo e de consensos.

Lisboa será a cidade do turismo, da ciência e da inovação, das empresas e da economia. A cidade do desporto e da cultura. Do ciclista, do automobilista e do utente do transporte público. A cidade inclusiva para quem cresce, vive e envelhece.

O desafio mais auspicioso será, contudo, conseguir devolver a confiança aos lisboetas.

A confiança perdida não porque os alfacinhas contemplam uma cidade mais alindada, mas porque Lisboa ganhou mais desigualdades.

Uma cidade que no confie no seu Presidente e na sua equipa.

No fim de contas foi esse desafio que lhe deu a vitória. Assim seja.

Pedro Jesus
(autarca no Areeiro eleito pelo PSD/Coligação Novos Tempos)
Escreve ao abrigo do anterior acordo ortográfico.

des de quem vive e trabalha em Lisboa. Não eram. As pessoas foram expulsas da cidade e, à exceção de uma elite, quem cá vive sofre todos os meses para cumprir o pagamento da renda. Na mobilidade, apesar de algum investimento em mobilidade suave e nos transportes públicos, o caminho foi também insuficiente; ora porque se demorou mais do que era necessário (como foi o caso da rede GIRA ou da melhoria do serviço da CARRIS), ora porque se insistiu em medidas erradas (como é o caso da linha circular do metro), ora porque faltaram medidas essenciais como a implementação da Zonas de Emissão Reduzidas (ZER) que fazem falta a uma cidade que quer levar a sério as alterações climáticas e que, para isso, precisa de abandonar o automóvel.

Como disse, sabemos de tudo isto. Mas sabemos também que nenhum destes pro-

Uma alternativa para Lisboa (Entre Cila e Caríbdis)



Os resultados eleitorais de 26 de Setembro ditaram que Lisboa será governada, no futuro próximo, por Carlos Moedas numa coligação abrangente de Direita que juntou

sociais-democratas progressista a monárquicos conservadores. As mesmas eleições demonstraram, porém, que a maioria da população eleitora se revê nos partidos de esquerda. Há, aliás, três claras maiorias de esquerda na cidade: uma na Câmara, com dez dos dezasseis vereadores eleitos à esquerda; outra na Assembleia Municipal, que o PS preside por ser o Grupo Parlamentar com mais deputados (os presidente de junta eleitos dão-lhe esta vantagem); e outra ainda nas Juntas de Freguesias, já que PS e PCP governam catorze das vinte e quatro.

Moedas, presidente minoritário e com todos os seus parceiros naturais já incluídos no acordo terá um trabalho difícil a que o populismo de algumas medidas com que se candidatou não ajudarão. Isto se, verdadeiramente, as quiser cumprir. A exceção à unidade da direita são três deputados municipais do IL incapazes de garantir uma maioria neste órgão bem como três deputados do Chega de que o PSD deverá manter a devida distância sob pena de começar cedo a perder o eleitorado mais sensato. O mais provável, perspetivando a possibilidade dum mandato que durará quatro anos, é que tenhamos um Presidente de Câmara que se sinta entre Cila e Caríbdis, esses dois monstros lendários que, um de cada lado na passagem do Estreito de Messina, atormentaram Ulisses a caminho de Ítaca. Dum lado, por ser um institucionalista, sentirá a necessidade de respeitar uns resultados eleitorais que constituíram órgãos com composições que lhe são adversas. Do outro, por liderar uma coligação de muitas vozes tantas vezes tão dissonantes, a tentação de pedir, como Cavaco pedia, que o deixem governar, insinuando forças de blo-

queio à esquerda que mais não serão que o posicionamento justo de quem, servindo a cidade, respeitará a representatividade do mandato recebido.

A esquerda estará, assim, também ela própria, entre a espada e a parede, tentando não ser vista como oposição irresponsável mas devendo respeitar a vontade dos seus eleitores. Em boa verdade, a esquerda deverá começar já a perspetivar entendimentos para uma coligação nas próximas eleições, apresentando-se menos como oposição e mais como alternativa. A alternativa natural e inevitável para que se possa recuperar a Câmara de Lisboa nas próximas eleições bem como um conjunto de freguesias agora perdidas. O Partido Socialista continua a ser o Partido mais bem preparado para governar Lisboa, saiba agora regenerar na capital e corrigir a mão a erros evitáveis. O Bloco, que participou na governação da cidade nos últimos quatro anos tem também a experiência de ter convivido e crescido com as contradições do poder. O PCP, como é sabido, nunca é apanhado desprevenido ou mal preparado para assumir quaisquer responsabilidades. Ademais, foi precisamente com o PCP em coligação com o PS que Lisboa teve alguns dos seus anos mais importantes de crescimento social.

Apesar de inesperada, a vitória de Carlos Moedas deixa poucas pessoas curiosas relativamente àquela que será a sua governação. A maior parte de nós teme um retrocesso no importante trabalho que foi feito nas áreas da habitação, espaços verdes ou mobilidade. A maior parte de nós teme que os impetos liberais e liberalizantes de Moedas coloquem em causa os investimentos feitos na rede pública de transportes ou no combate às alterações climáticas. É por isso imperativo que, embora saídos dum eleições, comecemos já a pensar nas próximas.

José António Borges
(trabalhador do Banco de Portugal e militante do Partido Socialista)
Foi presidente da Junta de Freguesia de Alvalade e candidato não eleito.)

blemas centrais se resolve com a direita. Na verdade, o programa de Carlos Moedas representa um recuo face aos limitados avanços da governação do PS. Na habitação, Moedas apresentou um deserto de ideias, defendendo apenas uma borla fiscal para os mais ricos; na mobilidade, apresentou-se como o defensor do automóvel, prometendo baixar os preços da emel e destruir as ciclovias.

Aqui chegados, temos de reconhecer o óbvio: há uma alteração de ciclo político, mas Carlos Moedas terá de governar a cidade com uma maioria de esquerda na Câmara e na Assembleia Municipal. A esta maioria exige-se clareza. É isso que as pessoas que vivem e trabalham na cidade exigem. Que não haja recuos em conquistas que demoraram anos a conseguir.

São essas pessoas que, já no dia 19 de outubro, estarão a lutar por mais e melhores ciclovias na cidade, não pela destruição das que existem. A esquerda, a maioria de esquerda, tem de estar ao lado destas pessoas,

e não da ACP ou dos fundos imobiliários, os tais que se assumem como os donos da cidade. Essa é a clareza que se exige. Ninguém entenderá que argumentos de governabilidade ou de real politik comprometam avanços que melhoraram a cidade. O sinal que as pessoas que vão sair, de bicicleta, no dia 19 é o exemplo a seguir: se não queremos passos atrás, juntemos forças para proteger a cidade.

O Bloco assume esse compromisso e não faltará às suas responsabilidades. Mais do que formulações vazias, do estilo “votaremos o que for bom para a cidade e contra o que for mau”, estamos prontos para nos comprometermos com questões concretas. No que depender de nós, a habitação pública, a mobilidade suave, o investimento em transportes públicos de qualidade e em ciclovias vieram para ficar.

Vasco Barata
Deputado Municipal do Bloco de Esquerda eleito nas eleições de 26 de setembro de 2021.



Com a CDU, pelo direito à cidade!



Após as eleições autárquicas do passado dia 26 de Setembro, a CDU na cidade de Lisboa reforçou-se. Obteve mais votos expressos e maior percentagem para a

Câmara Municipal e Assembleia Municipal, mantendo o número de eleitos em ambos os órgãos, dois vereadores no primeiro e seis deputados municipais no segundo, num contexto em que estavam inscritos menos 17.000 eleitores e com uma maior abstenção (menos 10.000 pessoas a votar!) que em 2017. No conjunto das Assembleias de Freguesia, a CDU passou de 46 para 47 mandatos e mantém a presidência da Junta de Freguesia de Carnide, com uma maioria absoluta reforçada. Este crescimento da CDU é o reconhecimento do trabalho realizado pelos seus eleitos nos diferentes órgãos, nestes 4 anos de mandato que agora termina, mas é igualmente um sinal de que muitos lisboetas reconhecem e se identificam com o projecto apresentado para Lisboa.

A campanha da CDU, na rua há já alguns meses, foi marcada pela proximidade, pelo esclarecimento e pela mobilização, sempre junto das populações de Lisboa, ouvindo-as, mas também apresentando as suas ideias e objectivos para as diferentes áreas da vida e do dia a dia de quem cá mora, trabalha e estuda. Os milhares de lisboetas que deram o seu voto à CDU (e alguns desses eleitores, sabemos, fizeram-no pela primeira vez) podem contar e confiar que esse voto não foi em vão. A CDU saberá honrar a confiança dos seus eleitores e a força que esses votos carregam será fundamental para os diferentes desafios que se nos colocam, daqui em diante.

Natácha Amaro
Eleita da CDU na Assembleia Municipal de Lisboa

Leia, assinie e divulgue Olhares de Lisboa

HELP CARE
Formação Certificada

Primeiros socorros
Suporte Básico de Vida
Desfibrilhação Automática Externa
Segurança Contra incêndios
Tripulantes de Ambulância

www.helpcare.pt

ENTIDADE ACREDITADA
INEH

República junta Fernando Medina e Carlos Moedas

A varanda dos Paços do Concelho de Lisboa, local onde há 111 anos José Relvas proclamou a República, foi palco das comemorações oficiais do 5 de outubro, numa cerimónia com a presença do presidente cessante da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, e do presidente eleito, Carlos Moedas. Mas, como disse o Presidente da República, «se queremos um 5 de outubro como data viva, então criemos um Portugal mais inclusivo».

Fernando Medina, o ainda presidente da câmara municipal de Lisboa, convidou o sucessor para assistir à cerimónia das comemorações do 5 de outubro, no Salão Nobre dos Paços do Concelho. No discurso que abriu a cerimónia, Fernando Medina reiterou a «fidelidade aos valores republicanos e democráticos, que nos cumpre renovar, atualizar, fortalecer e transmitir às gerações do futuro».

As comemorações deste ano juntaram, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, o presidente cessante e o presidente eleito, numa cerimónia que «reafirma a democracia e os seus princípios fundamentais, valorizando o que deve ser comum a todos os que a servem e que tem de estar acima das divergências políticas e dos estados de espírito pessoais».

Os «valores republicanos, em que assenta a democracia portuguesa», foram evocados por Fernando Medina, numa alusão ao discurso de 2005 neste local, do antigo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e da República, Jorge Sampaio, recentemente falecido.

O presidente cessante desejou ao novo presidente «votos do maior sucesso ao serviço de Lisboa e dos lisboetas», e renovou «o profundo agradecimento ao povo de Lisboa pela honra e o privilégio que me deu de o poder servir, como presidente da sua Câmara Municipal, durante seis anos».

Já o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, no seu quinto discurso em cerimónias comemorativas da implantação da República, começou o discurso relembrando o «grande presidente» Jorge Sampaio, que morreu a 10 de setembro deste ano, por agradecer a Fernando Medina o trabalho que desempenhou em frente à Câmara de Lisboa e felicitar Carlos Moedas pela eleição para o cargo.

«Superada a pandemia, temos nos anos próximos que construir destinos e renovar sonhos, começou por salientar Marcelo Rebelo de Sousa, que diz que é tempo de

ultrapassar as «vicissitudes da democracia», com as crises que adiaram o avanço de setores chave da economia. «Acabamos por ficar para trás no que poderíamos e devíamos ser», aponta.

«Se queremos um 5 de outubro como data, temos que multiplicar os que cá estão dentro e fora. Precisamos de mais gente nas empresas e nas escolas, sem esquecer a língua que tudo abarca», afirmou o Presidente da República, sublinhando que a língua portuguesa é uma das mais faladas em todo o mundo.

Dignidade na transição

Por seu turno, o presidente eleito para a Câmara de Lisboa, Carlos Moedas, que toma posse a 18 de outubro, fez questão de destacar a «dignidade com que a transição está a ser feita com Fernando Medina», sublinhando que, «como presidente eleito ainda não tem muito para acrescentar», explicou que «a sua presença pretende dar valor a um dia tão importante para Portugal», lembrando que só será anfitrião em 2022: «Vamos ter de esperar um ano, hoje estou aqui como convidado e presidente eleito».

Carlos Moedas, que se mostrou satisfeito com o convite, sublinhou: «É muito importante estar aqui e muito importante que as transições sejam feitas com toda esta dignidade com que a estamos a fazer entre o presidente da câmara e o presidente eleito. É muito importante para todos nós e para a democracia».

Nesta cerimónia do 5 de outubro, marcada pelo fim das medidas restritivas, esteve presente, para além de Marcelo Rebelo de Sousa, Eduardo Ferro Rodrigues (presidente da Assembleia da República), António Costa (Primeiro Ministro) e Fernando Medina, todo o executivo eleito no mandato de 2017, não só o que governou a Câmara de Lisboa, mas também a oposição, nomeadamente a ex-líder do CDS/PP, Assumpção Cristas.



Leia mais em www.olharesdelisboa.pt



COMERCIANTES DOS MERCADOS DE LISBOA

É tempo de os lisboetas voltarem a comprar no comércio com alma

Sem clientes e sem grandes perspetivas para o pós-pandemia, os comerciantes dos Mercados de Lisboa, dizem que o negócio está «muito complicado» e alguns temem o futuro do emprego que lhes dá sustento. Os mercados estão desertos, só aos fins-de-semana é que há um bocado mais de movimento a nível de particulares. Os comerciantes acreditam que já é hora de se fazer uma grande campanha publicitária para fazer com que os lisboetas voltem a comprar nestes espaços com “alma”.

Depois da decadência, a esperança. Os Mercados de Lisboa estão a modernizar-se, apresentando novas valências, preocupados com a proximidade aos clientes e produtores. De facto, na perspetiva de Luísa Carvalho e Sónia Amorim, respetivamente presidente da Assembleia Geral e presidente de Direção da Associação dos Comerciantes dos Mercados de Lisboa, «os novos mercados do século XXI devem aproximar-se dos consumidores, criando espaços de encontro da comunidade e recuperar a influência que o comércio tradicional tem vindo a perder para os grandes centros comerciais, invertendo assim a quebra para os produtores tradicionais».

Mas, para isso, precisam urgentemente de apoios. As quebras nas vendas foram muito grandes, uma vez que dependem essencialmente dos restaurantes e turistas.

Apesar de todos se queixarem da falta de clientes, o mercado de Benfica, um dos mais emblemáticos da cidade, é um mercado bastante vivo, com muitos clientes comparando com outros. Como o de Campo de Ourique, são mercados importantes, mas não têm a mesma implantação local, a maioria dos clientes são de fora do bairro.

Uma das necessidades apontadas, apontadas pelos comerciantes dos diferentes mercados,

prende-se com o estacionamento, que não lhes permite competir com as grandes superfícies.

«A lojas de rua sentem que o seu negócio é prejudicado pela dificuldade de acesso às lojas quando comparado com as grandes superfícies, devido ao estacionamento interior que é mais sedutor para os clientes», afirmam.

«Há que garantir que os clientes chegam aos mercados porque são vitais e fundamentais para a dinâmica da cidade e dão vida. Estes são também espaço de encontro e as cidades precisam destes espaços de encontro», sublinham os comerciantes.

Ainda há espaço para os mercados

Mas, neste momento em que fala da retoma pós-Covid, as duas responsáveis da Associação dos Comerciantes de Lisboa lembram que os mercados retalhistas desempenham um papel essencial na distribuição de produtos de qualidade às populações e foram um símbolo dos trabalhadores da linha da frente. No entanto, com o atenuar da pandemia, os mercados voltaram a «perder» clientes, porque as pessoas «regressaram às grandes superfícies e aos estabelecimentos com serviços de take away e de encomendas online», abandonando os mercados.



Esta situação levanta algumas questões, nomeadamente se haverá mercado para os mercados e se estes são capazes de sobreviver à mudanças da sociedade lisboeta, provocada pela pandemia. Luísa Carvalho e Sónia Amorim são perentórias ao afirmarem «que ainda existe espaço para os mercados», defendendo, contudo, a necessidade urgente dos comerciantes e dos próprios espaços físicos se modernizarem.

Fruto das mudanças de contexto, dos hábitos de consumo e do aparecimento de uma oferta competitiva adaptada ao novo panorama, o desenvolvimento e conservação deste equipamento público tradicional tem sido posto em causa, o que leva a Associação dos Comerciantes dos Mercados de Lisboa a «defender, com unhas e dentes», a necessidade dos comerciantes a «evoluir», munindo-se de «ferramentas informáticas» que lhes permitam vender online os seus produtos e a realizarem entregas ao domicílio.

Apostar na formação

Além do alargamento dos horários de funcionamento, Luísa Carvalho e Sónia Amorim pedem «a implementação de uma rede municipal de entregas locais para apoio aos mercados municipais e aos pequenos comerciantes, dotando-se dos recursos humanos necessários para o efeito».

O objetivo é modernizar as entregas dos mercados municipais, «levando-as a mais casas e assegurando o distanciamento social ainda necessário», defendem.

«Precisamos de expandir a presença dos produtos frescos dos nossos mercados, chegando a quem não consegue ir aos mercados, mas garantindo que quem faz as entregas tem um vínculo público, condições laborais dignas, assim como um salário garantido», preconizam.

No entanto, Luísa Carvalho e Sónia Amorim entendem que os comerciantes devem adaptar-se às mudanças e hábitos de consumo da sociedade lisboeta. «Não chega a renovação dos mercados. Nós, enquanto comerciantes, temos de nos renovar. Infelizmente ainda não percebemos o quão importante é haver formação e estarmos esclarecidos», referem.

«Temos que criar uma oferta diversificada, como o horário alargado que tem sido a nossa luta. As pequenas superfícies comerciais estão cheias das 18 às 20 horas. E, por isso, seria importante ter produtos frescos há venda nos mercados até mais tarde», sublinham, defendendo que a plataforma Lisboa Shopping. Pt é um dos primeiros passos para a «rejeitada modernização dos mercados, permitindo-lhes chegar mais próximo dos clientes».



O que dizem os comerciantes

Nos tempos áureos dos mercados de Lisboa, as primeiras horas da manhã de (qualquer) dia semana era uma verdadeira azáfama, um ambiente vibrante de vida e de negócio. O ruído do corrúpio de gente deu, agora, lugar a um eco fantasmagórico de vazio.

O comerciante Abdul Hamed, proprietário da loja Avm Comércio de frutas no Mercado 31 de Janeiro, tem tantos anos de Lisboa como de mercados. Natural de Moçambique, está em Portugal há 40 anos e já presenciou «muitos altos e baixos» da vida destes espaços, mas não se lembra de uma situação «tão complicada» como aquela que foi registada durante a «os meses intermináveis da pandemia».

«Foram tempos muito duros para todos nós. «Os mercados, conta, foram tomados por um silêncio sepulcral e a ideia de «fechar portas» foi mesmo admitida por Abdul. Mas o comerciante correge de pronto esta afirmação, justificando que «tem que cumprir as responsabilidades» para com as pessoas que trabalham com ele na labuta diária, muitos deles há vários anos.

«Para mim, já me contento com aquilo que tenho», mas, com Abdul, ninguém fica para trás, muito menos aqueles que, com ele, sofreram as horas negras da pandemia e a desesperança de ver «o mercado completamente vazio».

Para grandes males, grandes remédios. O comerciante moçambicano revela ao OLHARES DE LISBOA que, face ao decréscimo «acentuadíssimo» da faturação, aquele espaço comercial decidiu arregaçar mangas e arranjar novas forma de escoar produto. Passaram a fazer entregas ao domicílio de particulares para «tentar não cair na falência». A panaceia resolveu alguns problemas, admite o comerciante, que viu o seu negócio embater contra uma parede de betão.

Para Abdul, contudo, esses tempos de incerteza já foram ultrapassados, uma vez que a restauração já voltou a laborar a todo o gás, mas lamenta por todos aqueles que «ficaram pelo caminho», isto é, que já não voltam a trabalhar.

Também os hotéis preocupam Abdul. Segundo o comerciante, muitos deles ainda não estão a trabalhar e teme que assim permaneçam. Com a informação nas portas de que «abriremos em breve»...

Abdul manifesta-se resignado com a debandada dos clientes particulares para os hipermercados. Os lisboetas perderam o hábito de frequentar os mercados, seja por uma questão de «comodismo», seja por procurarem «preços mais baixos» em «lugares onde há de tudo».

No entanto, o comerciante defende que só nos mercados se encontram frutas e legumes, como os seus, com a frescura imaculada dos produtos que são adquiridos diariamente.

«Na minha banca, e noutras, as frutas e os legumes não podiam ser mais frescos. Só vendemos produtos que adquirimos diariamente. Os restaurantes e a hotelaria em geral dão muito valor a este fator diferenciador, mas a maior parte dos particulares não dá tanta importância a este pormenor porque preferem comprar mais barato», explica.

Abdul não vislumbra uma fórmula mágica para inverter esta tendência de consumo, mas acredita que os mercados deveriam mover esforços para dar a conhecer os fatores diferenciadores da qualidade extra dos produtos e o atendimento perso-

nalizado, mediante a organização de campanhas de marketing que reforçassem estas duas coroas de glória dos mercados.

Mercado de Alvalade

Joana Martins alinha pelo diapasão de Abdul. Os mercados de Lisboa, apesar de já terem sulcados (alguns) caminhos da modernidade, continuam a ser alvo de uma indiferença generalizada por parte dos consumidores particulares.

De facto, é sexta-feira de manhã (11h) e o outrora movimentado Mercado de Alvalade é uma sombra daquilo que já foi. «A esta hora, isto já deveria estar cheio de clientes, mas há 5 ou 6 pessoas, o que é uma dor de alma», lamenta.

A proprietária da «Ana dos Frangos», no Mercado de Alvalade, apança que a situação pandémica serviu, do mal o menos, para aguçar o engenho de «alguns comerciantes».

«Resolvi publicitar os meus produtos no Instagram. Dando destaque a um produto semanalmente para chamar a atenção dos interessados».

Já sentiu algum acréscimo de clientela com estas campanhas? «Para ser sincera, não notei que houvesse mais clientes, mas, pelos menos, publicitamos aquilo que fazemos e a qualidade impar da carne que vendo no meu espaço. Pode ser que alguém repare em nós, ainda que de forma subconsciente, e que esse alguém apareça e traga novos clientes.»

Joana aproveita para sublinhar que o seu negócio «é o único» que se dedica exclusivamente à venda de carnes de aves nos mercados da capital. Essa particularidade, acrescenta, faz da sua casa um lugar «altamente especializado» no tratamento aprimorado dos «produtos de excelência» que todos os dias são retalhados com o rigor de um cirurgião e o saber dos verdadeiros mestres.

«Só vendemos carne fresca e temos produtos diferenciados, como o frango do campo. Somos dos poucos que vendemos as aves devidamente preparadas para a restauração de alta gama, que exige partes específicas das aves, que não se encontram nos hipermercados». E é justamente esse nicho de mercado, bem como a restauração mais popular, que tem servido de sustentáculo para o negócio de Joana.

«Senão fossem os restaurantes e os hotéis já tínhamos fechado. Bem sei que as pessoas mudaram os seus hábitos de consumo, preferindo comparar tudo no mesmo sítio a preços mais baixos. Não digo que os hipermercados não tenham alguma qualidade, mas é incomparável a atenção que nós dedicamos aos nossos clientes, é incomparável a qualidade de um produto comprado num mercado», justifica.

Para a comerciante, é insofismável que os mercados de Lisboa necessitam de uma nova injeção de vitalidade, necessitam de voltar «a ser falados». O que traduz a urgência «uma grande campanha de publicidade» que dê destaque «à qualidade única» dos produtos e ao tratamento personalizado que é brindado a cada cliente.

Mercado do Lumiar

Também os restaurantes dos mercados foram seriamente abanados pela crise pandémica. O «Zona Bio Restaurante» foi criado com o intuito de atrair uma clientela esclarecida e com preocupações de sustentabilidade alimentar.

Porém, os objetivos globais caíram por terra devido ao desinteresse dos moradores da zona do Lumiar. Nascido no Mercado do Lumiar, onde reinam os produtos biológicos, não conseguiu captar a atenção das milhares de almas que habitam naquelas paragens, revela David Sousa.

«Com a pandemia, sentimos imensas frustrações e medos. Estivemos dias e dias sem ver clientes e chegámos a equacionar encerrar portas. Decidimos então tomar medidas e começar a vender o nosso frango de churrasco, que tem uma receita com três décadas, e muita fama nas nossas outras casas de Lisboa. Creio que foi o que nos serviu de tábua de salvação, mas as coisas continuam complicadas. As pessoas, os moradores da zona, não conhecem o mercado e não se dão ao traba-



lho de vir a conhecer a excelência daquilo que está a ser feito neste mercado. Ninguém tem culpa. Os lisboetas deixaram de frequentar os mercados. E é uma pena porque estes espaços apresentam um serviço de excelência e produtos de qualidade muito acima da média.»

David Sousa, gerente deste restaurante, alinha no coro dos alinhados. Os mercados lisboetas continuam de portas abertas para todos, com a mesma qualidade de sempre, renovados e mais airosos, mas com a «alma» própria de quem trabalha com gosto e paixão por bem servir.

Não obstante, necessitam de se dar a conhecer com campanhas de marketing e publicidade que relevem ao papel vital dos mercados nas cidades.

Passa-se o exagero, fazem lembrar aqueles artistas geniais, mas que ninguém conhece. Até que, um dia, o milagre acontece e alguém descobre os talentos do génio e o revela ao mundo.

As múltiplas qualidades dos mercados alfacinhas continuam intactas, mas os lisboetas precisam de perder o amor a uns trocados e voltar a encher as dispensas com frutas e legumes acabados de colher, carnes que não conheceram a velhice nas arcas frigoríficas, peixe vindo “diretamente” do mar.

Comércio de Pescado e Marisco

ENTREGAS AO DOMICÍLIO

Terça a Sábado das 7h às 15h

Facebook: mardasonia.amorim.5
E-mail: mardasonia.encomendas@gmail.com
Tlm.: 919 865 809 / 936 123 600
Av. Rio de Janeiro - Mercado de Alvalade
1700-331 Lisboa

OLHARESDELISBOA.PT
JORNAL DIÁRIO ON LINE - EDIÇÃO TRIMESTRAL IMPRESSA
Proprietário e Editor: **Avalanche de Sonhos Unipessoal, Lda.** · CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO M.R.S. Oliveira (100%) · NIF 514355034
Sede Social/Sede Editor/Sede Redação: Av. Eng. Arantes de Oliveira, 3 rc 1900-221 Lisboa · Tel 211934140 · Tm 967734378 · avalanchedesonhos@sapo.pt
Diretor: Mário Rodrigues · olharesdelisboa@olharesdelisboa.pt · Redação: Alfredo Miranda, André Luis Alves, Luis Antunes, Jorge Matias, Luis Miguel Marques
Fotografia: Fernando Zarcos · Publicidade e Marketing: Marcelo Duarte · Diego Guimarães · Paginação e Arte Gráfica: Mário Clemente
Impressão Gráfica: Funchalense - Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50 - Morlena - 2715-029 Pêro Pinheiro
Nº de Registo na ERC 126989 · Depósito Legal 426706/17 · ISSN 2184-2922 · Estatuto Editorial olharesdelisboa.pt/category/estatuto-editorial
Tiragem deste número: 20.000 exemplares · www.facebook.com/olharesdelisboa · www.olharesdelisboa.pt

Uma loja em Campo de Ourique, na Lapa, no Areeiro, nas Picoas e em Moscavide, tudo o que precisa para o seu animal de estimação, seja ele qual for!

Rações | Acessórios
Banhos | Tosquias | Higiene

Rua Ferreira Borges, 92 A - 1350-134 Lisboa - Tel: 213 905 311
Rua da Lapa, 74 A - 1200-703 Lisboa - Tel: 213 900 734
Rua de Paris, 15 A - 1000-227 Lisboa - Tel: 218 470 135
Rua Eng. Vieira da Silva, Loja 30 - 1050-054 Lisboa
(Mercado 31 Janeiro) Tel: 210 516 867
Av. de Moscavide, 51B - 1885-085 Moscavide - Tel: 210 488 187
marcoeosanimais.unipessoal@gmail.com
www.facebook.com/marcoeosanimais



COMÉRCIO DE LISBOA
CONTINUA ÀS MOSCAS

Retoma económica vai demorar

Os comerciantes de Lisboa admitem que o fim do estado de emergência não «os vai salvar do sufoco» económico que estão a viver. A maioria está descapitalizada e enfrenta graves problemas de tesouraria e, por isso, precisam que o Estado e as autarquias mantenham os apoios concedidos durante a crise pandémica.

Com a cidade ainda «às moscas», os comerciantes de Lisboa estão apreensivos com o «que aí vem». As quebras nas vendas continuam bem acima dos 50%, mesmo com o fim do estado de emergência e, por isso, a União das Associações de Comércio e Serviços (UACS) pede, para além do lay-off para a manutenção dos postos de trabalho, que sejam também adiados ou pagos de forma faseada os compromissos fiscais das empresas deste setor e ainda uma «solução para o arrendamento comercial que divida o esforço entre senhorios, Governo e empresários».

Para a presidente da União de Associações do Comércio e Serviços (UACS), que representa 18 associações do setor, Maria de Lourdes Fonseca, o fim do estado de emergência trouxe algum negócio às zonas mais periféricas do concelho, nos bairros onde vivem mais pessoas, mas no centro o negócio continua a ser muito pouco: as quebras ainda estão acima dos 50% ou mesmo dos 70%.

Maria de Lourdes Fonseca sabe que «a economia vai levar algum tempo a recuperar», admitindo que o centro se mantém sem cliente, não apenas pela falta de turistas, mas também pelo teletrabalho, num cenário que afeta «todo o tipo de comércio» e que está «a prejudicar a cidade em grande escala», salientando que os turistas que «se começam a ver pelas ruas de Lisboa são jovens, sem poder de compra». Ou seja, não trazem mais valias importantes para o comércio.

«Se não há clientes para fazerem compras, os comerciantes não têm a capacidade para cumprirmos os compromissos assumidos», adianta, defendendo que «as empresas precisam de ser recapitalizadas», até porque, numa primeira fase da pandemia, o comércio foi esquecido».

Ano dramático

«O início do ano foi dramático. A economia que existia antes da pandemia desapareceu. Neste momen-



to, existe uma oferta muito elevada para um número de pessoas que não existe», refere Maria de Lourdes Fonseca, recordando que os prejuízos se arrastam há mais de um ano, considerando que a carga fiscal imposta ao sector é também um dos fatores que está a levar ao encerramento de muitas empresas.

Segundo Maria de Lourdes Fonseca, «quatro meses da atividade das empresas são só para pagar impostos ao Estado e à Câmara. Durante esse período trabalhamos para pagar esse valor. Agora com esta crise pandémica que provocou uma quebra drástica no consumo estamos de facto com alguma preocupação em relação ao futuro», pedindo que «parte dos apoios financeiros sejam a fundo perdido».

A responsável considera que foram muito positivos os apoios concedidos pela Câmara de Lisboa que permitiram ser «acumulados» com os apoios estatais, pois foram um «balão de oxigénio» para

muitas empresas que enfrentaram enormes perdas de faturação. Para Lourdes Fonseca, é necessário «que o novo executivo autárquico mantenha os apoios que foram concedidos pelo anterior».

No entanto, do ponto de vista de Lourdes Fonseca, que considera que «há muito caminho a percorrer, porque queremos que todos consigam sobreviver», o Governo deve encontrar «um modelo de financiamento misto (parte a fundo perdido e o restante a ser pago pelos empresários)» que permita às empresas, maioritariamente micro e pequenas empresas, fazer face aos encargos com o pessoal, às rendas e aos impostos, que «são as áreas mais penosas para o sector».

A defender comerciantes desde 1870

A União de Associações de Comércio e Serviços é uma associa-

ção de direito privado, sem fins lucrativos e de utilidade pública, fundada em 1870 e que tem por objetivo defender e promover os interesses empresariais dos setores do comércio e serviços que representa, designadamente no que respeita aos aspetos de caráter socioprofissional, técnico e financeiro, com vista ao progresso do comércio em particular e ao desenvolvimento económico em geral. Tem também como objetivos, definidos nos estatutos, assegurar o livre exercício do comércio, a defesa das garantias individuais dos comerciantes, o pleno reconhecimento dos seus direitos e a salvaguarda do seu património.

A UACS é herdeira da Associação Comercial de Lojistas de Lisboa, fundada em 1870, e da União de Grémios de Lojistas de Lisboa, surgida em 1940 fruto da reorganização daquela e dos novos estatutos aprovados então.



**Restaurante
Paraíso Violeta**
Cozinha tradicional portuguesa
**Festas de Grupo
Aniversários
Batizados**
Tel: 917463512
Calçada da Ajuda nº 79/81
1300-007 Lisboa



**Café
Restaurante
Tentação**
Pastelaria variada
Refeições | Menús
TAKE AWAY
Rua João Dias nº 35 A | 1400-218 Lisboa
211 960 330 | 931 699 497



PS fica com 13 das 24 juntas de freguesia de Lisboa

O vencedor na capital foi Carlos Moedas, mas foi o PS que conquistou mais juntas de freguesias. Em 10 das 24 freguesias de Lisboa houve maiorias absolutas. O PCP voltou a conquistar Carnide. A Iniciativa Liberal conseguiu eleger em quatro freguesias. Contudo, a CDU mantém-se como a terceira força política com mais eleitos.

O PS perdeu seis juntas de freguesia em Lisboa, enquanto a coligação Novos Tempos conquistou mais cinco para o PSD/CDS. Assim, o PS ficou com 13 juntas de freguesia, o PSD e o CDS ganharam em 10 e a CDU numa.

Desta forma, Lisboa terá 10 presidentes de junta de PSD e CDS, nas seguintes freguesias: Arroios, Belém, Estrela, Santo António, Parque das Nações, Avenidas Novas, Areeiro, São Domingos de Benfica, Alvalade e Lumiar.

Já o PS ganhou 13 juntas de freguesia: Ajuda, Alcântara, Campo de Ourique, Misericórdia, Santa Maria Maior, São Vicente, Penha de França, Beato, Marvila, Benfica, Campolide, Olivais e Santa Clara. Na freguesia de Campo de Ourique a vitória do PS foi tangencial: apenas com mais 25 votos. Pedro Costa, filho de António Costa, não teve um resultado fácil. A disputa foi de tal forma renhida que venceu por apenas 25 votos a coligação de direita encabeçada por Teresa Morais Leitão.

Arroios: a grande derrota

Uma das derrotas mais mediáticas do PS foi em Arroios. Sai Margarida Martins, envolvida em várias polémicas e que perde mais de metade dos votos face a 2017 e vai tomar posse como presidente Madalena Natividade, assistente social de profissão. Mais conhecido é o novo presidente da junta do Lumiar: Pedro Delgado Alves (PS) perdeu as eleições para o médico Ricardo Mexia, que se tornou conhecido do grande público como presidente da Associação Nacional de Médicos de Saúde Pública e que foi, além de candidato, diretor da campanha de Carlos Moedas.

Nas Avenidas Novas regressa como presidente Daniel Gonçalves, que não se tinha candidatado em 2017. É mais uma derrota para o PS, que tinha conquistado a junta há quatro anos, a que se juntam outras: Carlos Ardisson é o novo presidente da junta do Parque das Nações. Era até aqui líder de oposição na assembleia de freguesia e foi um dos fundadores



FOTO LUÍS CATARINO/CML

da associação de moradores da «cidade imaginada». Em Alvalade, o novo presidente da junta é José Amaral Lopes (PSD), outra derrota para o PS, que perde ainda São Domingos de Benfica – foi eleito José da Câmara. Na freguesia da Estrela, Luís Newton, presidente da junta do PSD-Lisboa, foi reeleito com maioria absoluta para um novo mandato. Também na freguesia de Santo António, foi reeleito Vasco Morgado, agora com o apoio da coligação Novos Tempos. Em Belém foi reeleito Fernando Ribeiro Rosa, à frente da freguesia desde 2013. Reeleito para um terceiro mandato foi ainda o presidente da junta de freguesia do Areeiro Fernando Braamcamp.

Em Carnide, a única junta comunista em Lisboa, foi reeleito Fábio Sousa, mestre em

psicologia e bombeiro voluntário, presidente da junta desde 2013. O PCP ganhou em Carnide com uma percentagem de votos maior à registada há quatro anos (45,53% face aos 44,82% conquistados em 2017). A segunda força política nesta freguesia deixou, porém, de ser o PS (que conquistou 18,23% dos votos) para passar a ser o PSD (com 20,06% dos votos). Assim, o PS surge em terceiro, seguindo-se o Chega, a IL, o Bloco de Esquerda, o PAN e o Ergue-te.

Maiorias absolutas

Apenas em duas das 24 freguesias de Lisboa, o PS obteve estrondosas vitórias, obtendo mais de metade dos votos dos eleitores:

Ajuda e Alcântara. Na primeira, o PS conquistou 51,48% dos votos. Na segunda, o PS teve 53,65% – a percentagem mais alta conquistada por uma força política numa das 24 juntas do concelho de Lisboa;

Houve maioria absoluta em 10 freguesias: Belém (PSD), Ajuda (PS), Alcântara (PS), Carnide (CDU), Benfica (PS), Estrela (PSD), Santo António (PSD), Santa Maria Maior (PS), Areeiro (PSD) e Marvila (PS).

A Iniciativa Liberal é a terceira força política em quatro freguesias do concelho de Lisboa: Avenidas Novas (9,10%), Belém (8,63%), Parque das Nações (7,95%) e Estrela (7,33%).

Mas o partido que consolidou a sua posição como a terceira força política em Lisboa foi a CDU, na Ajuda (13,61%), Alcântara (9,33%), Campo de Ourique (8,81%), Misericórdia (12,25%), Santo António (8,07%), Santa Maria Maior (14,33%), Arroios (12,51%), Penha de França (13,52%), Beato (13,02%), Marvila (11,73%), Benfica (8,91%), Campolide (8,95%), Areeiro (7,65%), São Domingos de Benfica (8,61%), Alvalade (8,58%), Olivais (13,80%), Lumiar (8,67%) e Santa Clara (12,42%) – um total de 18 freguesias lisboetas. Além disso, fica em segundo lugar em São Vicente (22,89%) e, claro, em primeiro lugar em Carnide.

O melhor resultado que o Chega obteve entre as freguesias lisboetas registou-se em Santa Clara, onde o partido liderado por André Ventura registou 11,23% dos votos. Nessa freguesia, a vitória foi para o PS com 36,19%, seguindo-se o PSD com 21,99% e o PCP com 12,42%. O pior resultado no concelho de Lisboa verificou-se em Santo António, freguesia em que o partido de extrema-direita não passou dos 3,36% dos votos.

De todos os partidos em todas as freguesias do concelho de Lisboa, o que menos sucesso obteve foi o Ergue-te, que só conquistou 0,18% dos votos em Carnide. De resto, o partido de extrema-direita nunca ultrapassou os 0,39%, o resultado que obteve em Santa Clara.

STAND MENDESCAR
Largo do Rio Seco, nº 5 A - 1300-496 Lisboa - Tel: 213618835
<http://www.standmendescar.pt/>
<https://www.facebook.com/StandMendescar>

Sem Palavras
RESTAURANTE - MARISQUEIRA
A Qualidade de Bem Servir
AV. RIO DE JANEIRO - MERCADO NORTE | LOJA 52 | 1700-331 Lisboa | 21 846 1958



Carlos Moedas pretende reduzir taxas da EMEL

Vou tornar Lisboa uma fábrica de empresas que estimula o empreendedorismo de forma a criar emprego e gerar riqueza», afirma no seu programa eleitoral Carlos Moedas, o novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, que pretende, ainda, um modelo de habitação social e de renda acessível que rompa com «a prática de amontoar em enormes torres as pessoas que não têm meios para viver na cidade».

Nos primeiros 100 dias de mandato, Carlos Moedas pretende devolver aos lisboetas 32 milhões de euros que vão para o orçamento da Câmara Municipal de Lisboa, reduzindo a taxa de IRS na capital, e isenção do IMT - Imposto Municipal sobre as Transmissões Onerosas de Imóveis para jovens até 35 anos que comprem habitação própria em Lisboa.

Além destas duas medidas, o presidente eleito pretende aumentar o número de apartamentos, garantir a adequação dos fogos para habitação à dimensão dos agregados que os habitam e promover o direito à propriedade pelos residentes em bairros sociais. Estas são algumas das propostas de governação da cidade de Lisboa da coligação 'Novos Tempos', liderada por Carlos Moedas, que venceu as eleições para a Câmara Municipal de Lisboa.

Voltar a fazer de Lisboa a cidade das oportunidades é um dos grandes objetivos de Carlos Moedas que quer afirmar Lisboa como um foco de cultura, tecnologia e ciência ao serviço das pessoas, transformando a capital «numa fábrica de empresas que estimula o empreendedorismo de forma a criar emprego e gerar riqueza».

Por outro lado, Carlos Moedas quer, também, «uma Lisboa em que os artistas possam crescer e desenvolver o seu espírito criativo em espaços culturais em cada freguesia».

«Uma Lisboa que promove a economia gerando emprego e riqueza para os lisboetas e para o país. O meu projeto para Lisboa passa por tornar a cidade um espaço que facilita o dia-a-dia de quem cá vive, de quem nos visita, de quem cá quer investir», salienta o eleito presidente da Câmara de Lisboa, defendendo que o «projeto que tem para Lisboa é um projeto mobilizador e agregador».

O programa com o qual O ex-comissário europeu, que participou nesta corrida com o apoio do PSD, CDS-PP, Aliança, MPT e PPM, concorreu concentra-se em menos de 20 páginas, contemplando várias medidas que se dividem em dez grandes temas.

1. Empreendedorismo

A primeira medida que figura nos destaques do programa de Carlos Moedas é uma «fábrica de unicórnios». A ideia do social-democrata é ter um espaço que vai «potenciar as Startups lisboetas para que se possam tornar unicórnios», onde especialistas podem encontrar uma «linha de montagem», que «ajudará à maturação e à resiliência de projetos que devem começar na cidade e acabar como marcas globais».

Neste campo, sugere também a criação de um Balcão Único para os empreendedores e investidores em Lisboa, «fundindo e reforçando entidades fragmentadas como a Start-Up Lisboa, a Invest Lisboa e a Direção de Economia da CML, trabalhando em articulação com entidades privadas».

A ideia passa por dar um passo em frente em relação à atual estratégia da Câmara Municipal de Lisboa.

No fundo, como refere: «Quero apostar no nosso valor. Nas nossas universidades, nos nossos laboratórios, nos nossos parques empresariais. Não quero que os jovens lisboetas cresçam tendo como única oferta empregos precários e sazonais. Quero que tenham bons ordenados e cresçam na criação de valor global, em vez de se focarem apenas em receber quem o cria noutras paragens».

2. Economia azul

A economia azul é outra grande aposta de Carlos Moedas, que quer construir na cidade.



O presidente eleito da Câmara de Lisboa quer construir na cidade as «infraestruturas necessárias para a tornar uma capital global da economia do Mar». O objetivo de Moedas é aproveitar a tradição para «focar a sua economia em setores mais amigos do ambiente».

Segundo Carlos Moedas, «Lisboa já foi a cidade portuária mais importante do Mundo. Na era da sustentabilidade e da economia azul, pode e deve voltar a ser uma referência internacional nesta área. Queremos construir em Lisboa as infraestruturas necessárias para a tornar uma capital global da economia do Mar e aproveitar a tradição da nossa cidade para focar a sua economia em setores mais amigos do ambiente».

3. Impostos

Carlos Moedas não quer que a Câmara Municipal «fique com mais uma parcela dos rendimentos através do IRS», já que uma parte do que é pago neste imposto é definida pelo concelho onde vive. Por isso, reitera que irá tomar medidas para que «nada seja cobrado aos lisboetas por responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa», numa descida de impostos que diz poder chegar a 5%.

4. Saúde

Na área da saúde, o presidente eleito propõe oferecer seguros de saúde gratuitos «a todos os lisboetas com mais de 65 anos que precisem».

Ainda, para os mais velhos pretende criar Repúblicas Sêniores, isto é, «residências de habitação partilhada por idosos, que sejam autónomas, disponibilizadas pela Câmara, geridas em cooperação com entidades do terceiro setor».

5. Mobilidade

A campanha de Moedas debruçou-se também sobre a mobilidade e os automóveis. Uma das propostas neste campo foca-se na EMEL, com o social-democrata a argumentar que quer um estacionamento que seja «50% mais barato na cidade toda para os moradores». Os lisboetas pagam muito para viver em Lisboa. Esse dinheiro devia servir para ter uma Câmara melhor, mas muitas vezes só serve para ter empresas municipais maiores, lembrando que as zonas que têm EMEL não deixam de ter problemas crónicos que a Câmara tarda a resolver.

Já sobre os transportes públicos, Carlos Moedas foca-se nos «avós e netos», pretendendo «encorajar os mais novos a andar de transportes públicos e dar também aos mais velhos a possibilidade de deixarem facilmente o carro», pelo que «todos os lisboetas sub-23 e mais de 65 terão direito a um passe gratuito da Carris».

Um outro ponto do programa para Lisboa, talvez o mais polémico, é o da eliminação da barreira ferroviária entre a cidade e o rio, «acabando com a linha de comboio de superfície entre Algés e o Cais do Sodré».

6. Comércio

No que diz respeito ao comércio, as medidas de Carlos Moedas focam-se nas esplanadas, nomeadamente ao tornar definitivas as de-

habitam, impedindo a sobrelotação e promovendo a rotatividade da sua ocupação, são outras medidas a serem tomadas pelo novo presidente da Câmara de Lisboa, que pretende, também, promover o direito à propriedade pelos residentes em bairros sociais.

Ainda no domínio da política habitacional, o ex-comissário europeu pretende prosseguir com o programa 'Housing First' oferecendo, além de habitação, acompanhamento psicossocial para a reintegração social, reservando 380 habitações nos termos e de acordo com os critérios desse programa.

8. Empresas

Relativamente às empresas e empresários, o novo autarca defende que devem ter uma «oportunidade para se voltarem a pôr de pé», após as dificuldades que enfrentaram na pandemia. Por isso, propõem o Cheque Recuperar +, que «oferece um apoio a fundo perdido para que quem investe em Lisboa volte a ter uma hipótese de criar valor na cidade».

Este cheque destina-se nomeadamente a apoiar a reabertura dos negócios e atividades de pequenas e médias empresas, e de empresários em nome individual, no setor da indústria, comércio a retalho, restauração, atividades desportivas, atividades culturais e artísticas da cidade, com um prazo ainda a definir.

9. Cultura

Para o setor da Cultura, Carlos Moedas apresenta duas grandes medidas. Por um lado, quer avançar com a construção de espaços LXIS em todas as freguesias, para que os lisboetas «tenham uma casa de cultura, de interação com pessoas com os mesmos interesses e que lhes dê uma oportunidade para sonhar com uma carreira nas artes». Estes espaços terão salas que podem servir como teatro, sala de concertos, sala de dança, entre outros.

Para além disso, o social-democrata quer também apostar no Parque Mayer, que, na sua visão, deve ser «um centro nacional de Cultura, que reúna espetáculos profissionais e espaços de aprendizagem artística, chefs a começar e os melhores chefs do País a aprender e a cozinhar e espaços de co-work e laboratórios que criem também uma casa para a nossa ciência».

10. Turismo

No turismo, Carlos Moedas avança com medidas que têm em vista «envolver todos os setores». Entre os principais objetivos encontra-se «aumentar a estadia média de cada visitante, aumentando a oferta de experiências culturais da cidade», bem como potenciar o turismo de negócios e conferências, com a construção de um novo Centro de Congressos de Lisboa.

CLÍNICA MÉDICA SÃO JOÃO

Bons motivos para sorrir.

Acordos e Convenções: PSP, ADMG, ADM, Advancecare, Médic, Pt Multicare, Outros

☎ **Geral: 218 516 388**

Implantologia Oral

750€ Implante dentário + Coroa*

1495€ 2 implantes + Prótese acrílica (12 dentes)*

2950€ 4 implantes + Prótese acrílica (12 dentes)*

*** inclui Raio X - 3D**

Ortodontia

225€ Aparelho ortodôntico fixo

20€ Manutenção e revisão de aparelho fixo

Clínica Lisboa: Rua Cidade Bolama 3 R/C Esq. 1800-077 Lisboa
Clínica Porto: Rua Nossa Senhora de Fátima 179 4050-427 Porto
Clínica Carnaxide: Rua João das Regras 3 2790-072 Carnaxide

Cupão de assinatura

Apoie a imprensa regional | **Assine as edições impressas**

Nome _____

Morada _____ Email _____

Contacto telefónico _____ NIF para envio de recibo _____

(Portugal) - Valor Anual 4 edições + portes de envio - Valor: 20€ - Nib: 0033 0000 4550 2305 308 05

Ou, via CTT com cheque e cupão para: **Avalanche de Sonhos, Lda.**

Av. Eng.º Arantes e Oliveira nº 3 r/c 1900-221 Lisboa | 967734378

Oferta Caneca OL nas Marchas de Lisboa assinaturas@olharesdelisboa.pt



Carlos Ardisson quer inverter degradação do Parque das Nações

A terceira foi de vez: Carlos Ardisson, de 48 anos de idade, foi eleito presidente da Junta de Freguesia do Parque das Nações, pela coligação Novos Tempos, liderada por Carlos Moedas, o novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Vinte e três anos depois da grande exposição internacional sobre os oceanos, o Parque das Nações quer afirmar-se como a freguesia mais dinâmica de Lisboa e continuar a crescer com ambição, aspira Carlos Ardisson.



Licenciado em gestão e marketing, Carlos Ardisson, na «hora de assumir a presidência» da Junta de Freguesia do Parque das Nações (que conhece melhor que a palma das suas mãos), «quer estar junto das pessoas, falar com elas e, principalmente, ouvi-las» e promete «fazer tudo o que lhe for possível, em colaboração com a Câmara e com entidades privadas para «repor a qualidade urbana que esta freguesia já teve».

Há 20 anos a residir no Parque das Nações porque, «apesar de ser uma zona cara, o Parque das Nações era uma zona de excelência, onde havia jardins, bem-estar, segurança, não havia vandalismo», Carlos Ardisson tem tido um papel ativo na procura de soluções

para os problemas da zona. Aliás, o novo presidente eleito para a Junta de Freguesia foi, durante todo o mandato anterior, o líder da oposição na assembleia de freguesia, tendo apresentado 62 propostas.

Confessando-se «satisfeito» com o trabalho feito na oposição, o autarca lamenta, contudo, não ter conseguido pressionar o anterior executivo a recuperar a qualidade do espaço público do Parque das Nações.

Do seu ponto de vista, a zona ainda mantém a serenidade e a calma do Tejo, os espaços verdes que, apesar da falta de manutenção, ainda ocupam 20% da sua área, habitação e edifícios de escritório de qualidade, ambiente de bairro, segurança e ícones arquitetónicos que mar-

cam a paisagem de uma forma única, como a Gare do Oriente, o Oceanário, o pavilhão Altice Arena, a Ponte Vasco da Gama, as Torres de S. Rafael e S. Gabriel, o Pavilhão de Portugal ou a Torre Vasco da Gama/Hotel Myriad.

Atualmente, todos estes indicadores de qualidade perderam-se com a extinção do grupo Parque Expo, que aconteceu em finais de 2013 por indicação do Governo pela sua «inviabilidade económica e financeira». De acordo com Carlos Ardisson, a degradação foi sendo notória após a passagem da gestão do Parque Expo - criada em 1993 para conceber a Expo'98 e a reconversão urbanística do agora denominado Parque das Nações - para as mãos da Câmara e da Junta do Parque das Nações.

«Mudou, para pior, quando passou tudo para as autarquias. Dantes, a Parque Expo recuperava, mantinha e aproveitava todo o legado que a Expo'98 deixou, desde a cultura, a arte urbana, os espaços verdes, toda esta cultura e ambiente de qualidade», afirma. Como alguns dos maiores problemas, aponta a falta de iluminação e arranjo de espaços exteriores: «É notório que os espaços verdes estão a ficar cada vez mais degradados, do simples canteiro à árvore que não é podada, à relva que não é regada nem cortada. Isto é transversal a toda a freguesia».

Iniciar «caminho»

Agora, que vai assumir o executivo da junta, Carlos Ardisson promete «inverter a situação e iniciar o caminho da recuperação da qualidade do espaço público», devolvendo a essa zona «o esplendor» que já teve, lembrando que o Parque das Nações conseguiu atrair 31 mil moradores, criar 30 mil empregos e ter a maior concentração de sedes de empresas do país.

Neste momento, o também presidente da Associação de Moradores - ACIPN, gostaria de «ver o jardim Garcia da Horta recuperado», construir um novo Centro de Dia, com valências de residência sénior, e reforçar «o desenvolvimento social e acionar o elevador social».

Recuperar tempo perdido

Na perspetiva de Carlos Ardisson, é necessário recuperar o tempo perdido, prometendo que irá desenvolver, no âmbito das comemorações dos 25 anos da Expo'98, «interações entre as empresas privadas (sedeadas na freguesia) e a Junta de Freguesia, para promover ações de recuperação e requalificação do espaço público, nomeadamente dos jardins».

Assim, do seu ponto de vista, com os apoios das empresas nacionais e multinacionais, que estão «no Parque das Nações desde a Expo'98, e os da Câmara Municipal de Lisboa, vai ser possível desenvolver várias obras de reabilitação e recuperação do espaço público, devolvendo à freguesia «o esplendor e o glamour de outros tempos». Carlos Ardisson explica que essa interação é possível e que, inclusivamente, já foi



feita uma parceria com o Oceanário para a requalificação do espaço público envolvente.

Segundo o presidente eleito, «os espaços públicos, os jardins, o mobiliário urbano e a arte pública estão degradados», é «necessário implementar, urgentemente, medidas para os recuperar» e, para isso, é possível «recorrer à iniciativa privada, no âmbito do mecenato, para se efetuarem essas obras de requalificação e recuperação», recordando que a Expo'98 «contribuiu para que os portugueses começassem a ver que Lisboa tinha alternativas em termos de espaço urbano».

Num horizonte próximo, o eleito presidente da Junta de Freguesia recorda que, dentro de 2 anos, vão realizar-se as Jornadas da Juventude, com a presença do Papa, e as come-

morações dos 25 anos da Expo'98, o que tornam urgentes a recuperação e revitalização dos espaços públicos da zona.

As escolas são outra das preocupações de Carlos Ardisson, que considera que toda a oferta pública de educação terá de ser revista, pedindo a construção da escola secundária prometida e a criação de um Agrupamento de Escolas da Freguesia.

Apaixonado pelo Parque das Nações, desde o anúncio, em 1992, da construção da Expo 98, Carlos Ardisson, assim que tomar posse, vai analisar as hipóteses de expansão da FIL e vai promover a discussão pública das recomendações sobre «a mobilidade suave» no território.

A sua paixão pelo Parque das Nações já o levou a concorrer a três atos eleitorais: em 2013,



concorreu pela Plataforma Cidadania, não tendo sido eleito. Em 2017, concorreu como independente pelo CDS conseguindo o segundo lugar. Mas, como não há duas sem três e

à terceira é de vez, Carlos Ardisson foi agora eleito pela coligação Novos Tempos presidente da Junta de Freguesia do Parque das Nações e quer «fazer melhor, muito melhor».

Solos contaminados com petróleo

«No Parque das Nações há um passivo ambiental que foi apenas parcialmente removido durante as obras da Expo 98, são vários os casos conhecidos e a comunicação social deu nota que, nos terrenos da antiga refinaria da Petrogal, recentes operações urbanísticas foram confrontadas com um cenário de contaminação superior ao esperado», a denúncia foi feita pelo deputado do PSD, Bruno Coimbra, em abril de 2021, e confirmada a Olhares de Lisboa por Carlos Ardisson, presidente eleito da Junta de Freguesia do Parque das Nações.

Há vários anos que se multiplicam as notícias que relacionam a zona do Parque das Nações com vários casos identificados de contaminação de solos. Os terrenos, onde chegou a funcionar uma refinaria, foram, alegadamente, reabilitados para receber a

Expo 98. No entanto, os anos passaram e as queixas relacionadas com intensos odores a químicos e as denúncias de deteção de níveis irregulares de substâncias tóxicas nos solos são constantes.

Em 2017, as obras de expansão do hospital da CUF Descobertas levantaram uma nuvem de cheiro a gás sobre a zona oriental de Lisboa que se manteve durante meses. Nessa altura, um conjunto de moradores do Parque das Nações decidiu avançar com uma ação judicial contra o Estado por causa dos solos contaminados que foram encontrados na obra.

Mais tarde, em 2019, uma denúncia da ZERO alertou para a existência de uma nova mancha de solos contaminados. A associação ambientalista descreveu a operação de descontaminação, que teria decorrido anos antes, como uma «fraude».



**Legalização automóvel - Transporte para Portugal
COC - Atribuição de matrícula - Emissão de livrete**

Av. D. João II, Lote 4.61.01 - Lj. F - Parque das Nações - 1990-384 Lisboa
91 689 24 03 - 96 250 87 86 - 21 808 00 14

www.jorgefolgado.com - jfolgadoserv@gmail.com



O Pomar da Rosa

NOVO HORÁRIO

A PARTIR DE 1 DE JUNHO DE 2020



SEGUNDA A SÁBADO

9H às 20H

DOMINGO

9H às 14H

RUA ILHA DOS AMORES, 60 - Lj. A | 1990-337 LISBOA
TLM. 92 664 02 71



O seu Espaço de Terapias e Produtos de Bem-estar no Parque das Nações

Vai tudo chegar a si no tempo certo!

Temos ao seu dispor um leque de terapias holísticas e produtos esotéricos

Visite-nos!

Siga-nos nas redes sociais!

@Sophia Esotérica

@Sophia Lobo - Tarot, Astrologia e Reiki

www.sophiaesoterica.pt Telemóvel: 927 391 996

Rua Nova dos Mercadores, loja 5C - 1990-175 Lisboa

David Costa
cabeleireiro • barbeiro • estética

Aconselhamento de Imagem

Diagnóstico Capilar

Massagens

Depilação Laser

Venha conhecer os nossos serviços

Faça a sua marcação

916 570 522

Segunda a Sábado - 09h00-20h00

@dchair_david_costa

@dchairdavidcosta

geral@dchair.pt

Terreiros dos Corvos, Loja 3A
1990-370 Lisboa



Já estão a «andar» as obras de prolongamento do Metropolitano

O Metropolitano de Lisboa e a estrutura Recuperar Portugal já assinaram os contratos para financiar a linha vermelha até Alcântara e o metro ligeiro de superfície Odivelas/Loures, com 554 milhões de euros do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

O Metropolitano de Lisboa e a Estrutura de Missão "Recuperar Portugal" celebraram os contratos de financiamento para a realização dos investimentos para a linha Vermelha do Metropolitano de Lisboa até Alcântara e o Metro Ligeiro de Superfície Odivelas/Loures, previstos no Plano de Recuperação e Resiliência 2026 (PRR) que determinam o apoio financeiro destinado à concretização e operacionalização destes investimentos.

O contrato relativo ao Investimento TC-C15-i01 «Expansão da Rede de Metro de Lisboa - Linha Vermelha até Alcântara» fixa um financiamento de 304 milhões de euros, prevendo um financiamento de 250 milhões de euros, valores que correspondem, em ambos os projetos, ao custo total do investimento.

De acordo com o ministro do Ambiente, João de Matos Fernandes, na linha vermelha surgiu a «grande dúvida de como passar o caneiro de Alcântara», salientando ainda que o investimento será também para a expansão do metro ligeiro de superfície que ligará Odivelas ao Infantado, servindo o Hospital Beatriz Ângelo



(Loures) e o Alto de Santo António dos Cavaleiros, colmatando «assim a ausência de um modo de transporte de elevada capacidade neste corredor de procura suburbana».

O prolongamento da linha de São Sebastião a Alcântara terá uma extensão de 4 quilómetros e 4 novas estações: Amoreiras, Campo de

Ourique, Infante Santo e Alcântara, efetuando-se nesta última a ligação à futura Linha Intermodal Sustentável que promoverá a ligação ao concelho de Oeiras (LIOS Ocidental).

O Metro Ligeiro de Superfície Odivelas-Loures terá um total de 18 estações e 12 quilómetros de rede. Esta linha irá estender-se num

corredor em "C", que ligará o Hospital Beatriz Ângelo ao Infantado, com interface e transbordo para Lisboa na Estação de Metropolitano em Odivelas.

Em agosto passado, o Metropolitano de Lisboa lançou um concurso público de 76,5 milhões de euros para a empreitada de projeto e construção de acabamentos no âmbito do plano de expansão e prolongamento das linhas Amarela e Verde, com a extensão Rato-Cais do Sodré.

O projeto de expansão do metro prevê a abertura de duas novas estações: Estrela e Santos. Atualmente, a linha Amarela liga a estação de Odivelas à do Rato, enquanto a linha Verde liga a estação de Telheiras à do Cais do Sodré. Com as obras, a linha Verde passará a ter as estações da linha Amarela (a partir da Cidade Universitária até ao Rato) formando assim um 'círculo' na rede do metropolitano da capital. A linha Amarela irá perder todas as estações até ao Campo Grande e aí ficará com Telheiras (atualmente da linha Verde), passando a ir de Telheiras até Odivelas.

Carris Metropolitana arranca em 2022 com 600 linhas

A Carris Metropolitana estará em circulação na Área Metropolitana de Lisboa (AML) em julho do próximo ano, depois de o Tribunal de Contas ter dado luz verde à entrada em vigor dos contratos de serviço público de transporte rodoviário, no valor de 1,2 mil milhões de euros.

A rede de serviço de autocarros, desenhada pela AML em conjunto com os 18 municípios, será composta por cerca de 600 linhas rodoviárias que servirão aproximadamente 2,7 milhões de potenciais utilizadores,

passando o serviço a pertencer à marca única e integradora Carris Metropolitana.

O investimento de cerca de 1,2 mil milhões de euros realizado com a operação da Carris Metropolitana permitirá aumentar o serviço em cerca de 40%, em relação à oferta do período pré-pandemia, com mais carreiras, mais percursos e circulações, autocarros mais modernos, mais eficientes e ambientalmente mais sustentáveis, aumentando a qualidade do serviço prestado.

Entre os aspetos a melhorar destacam-se a «integração tecnológica e um planeamento e ajustamento do serviço às necessidades existentes, a promoção da pontualidade, regularidade, confiabilidade do sistema e uma maior simplificação das redes e serviços a prestar».

Para a AML, «a sustentabilidade ambiental será promovida, através da renovação e qualificação da frota, com uma diminuição da idade média dos autocarros de 15 anos para menos de um ano e a inclusão de uma cota de veículos não poluentes e energeticamente eficientes, com

medidas de eco-condução, condução económica, segura e confortável».

A AML acrescenta, também, que «a Carris Metropolitana está a dar continuidade a uma revolução, sem paralelo, na mobilidade da região metropolitana de Lisboa que tem como objetivo a promoção da qualidade de vida e uma alteração da repartição modal a favor dos transportes públicos e da mobilidade sustentável».



918514429

2lojas
conceitos
www.mixstore.pt

mesmo no coração de Benfca

Produtos alimentares Africanos e Brasileiros

Afiro mix
MERCADO DE BENFCA

Mercado de Benfca loja 18
1800-272 Lisboa

mercearia gourmet com venda a granel

Mixtura QB
amor a granel

Rua João Frederico Ludovice nº 6 C 1500-356 Lisboa

O CONFORTO DIÁRIO NUMA NOVA CASA

VENDER - COMPRAR - ARRENDAR

FALE COMIGO!

14 ANOS DE ATIVIDADE IMOBILIÁRIA

RODRIGO CARDOSO

CENTURY 21
Nações

917 567 552

rodrigo.cardoso@century21.pt

Cada agência é jurídica e financeiramente independente. DNZ - Mediação Imobiliária, LDA AMI 10786

MARCHAS POPULARES REGRESSAM EM 2022

Coletividades em risco de fechar as portas

A crise sanitária paralisou o movimento associativo popular e, sem apoios governamentais e municipais, a Associação das Coletividades do Concelho de Lisboa receia que muitas delas possam não reabrir portas, apesar de se terem reinventado e adaptado às circunstâncias provocadas pela pandemia. Mas, nestes tempos de recuperação e com o fim de muitas das medidas restritivas, que coincide com a tomada de posse de Carlos Moedas como presidente da Câmara de Lisboa, as coletividades lisboetas estão «prontas para a luta e voltarem, em força, aos desfiles das Marchas Populares na Avenida da Liberdade, em 2022».



por isso, é natural terem algumas dificuldades em retomar as iniciativas.

Apesar ser contra «política» de «mão estendida há procura dos subsídios», Pedro Franco defende a necessidade do Governo e dos Municípios olharem para este sector que representa «uma forma de estar na vida», assumindo uma grande importância para as comunidades locais. Porque, apesar das diferenças de cada uma, há um sentimento que as une: «o amor à camisola».

Na perspectiva deste dirigente associativo, os poderes públicos, designadamente as autarquias, poderiam conceder mais apoios logísticos as coletividades, nomeadamente no

pagamento de taxas municipais, como sejam as licenças de ruído e de ocupação do espaço público.

Pedro Franco que pede também o fim do pagamento à SPA (Sociedade Portuguesa de Autores) da taxa de televisão, lembra que «quem faz parte de uma coletividade ganha uma segunda família. Embora passem por algumas dificuldades, a união continua a imperar». Segundo este responsável, «as coletividades são importantes pilares das comunidades em que se inserem. Sem elas muitas pessoas não teriam oportunidade de vivenciar determinadas experiências».

Pedro Franco recorda aos poderes públicos que, «para além do espírito de grupo, as coletividades são também veículos de cultura e levam os costumes e as tradições portuguesas além-fronteiras. Um bom exemplo disso são os Ranchos Folclóricos das Casas Regionais sediadas em Lisboa que, nas últimas décadas, efetuaram imensas deslocações ao estrangeiro para mostrar a cultura da cidade».

Formação de dirigentes

A questão dos apoios levanta uma outra questão: A necessidade de as coletividades apostarem na formação dos seus dirigentes, porque hoje, mais do que nunca, «a importância da formação profissional foi tão evidente como nos tempos atuais». Na perspectiva deste responsável associativo, «muitas coletividades não concorreram aos apoios financeiros disponibilizados pelo Estado, por desconhecimento e, também, por não saberem preencher os requisitos necessários às candidaturas».

Contudo, ter dirigentes mais bem preparados implica, como o próprio reconhece, uma forte aposta na capacitação e no investimento em áreas de formação tradicionais das coletividades, designadamente cultura associativa, gestão e legislação.

Para que isso seja uma realidade, Pedro Franco considera necessário a implementação de novas ações, quer

através da celebração de vários protocolos com autarquias e a realização de cursos que valorizem o estatuto do dirigente associativo voluntário.

Marchas regressam à Avenida

Por outro lado, e apesar de ainda não ser a altura para se pensar em festas, porque a pandemia ainda «ai está», Pedro Franco admite que, em 2022, as festas de Lisboa regressem em força à capital. Assim, a pandemia o permita, porque este evento sem a «componente popular e participativa do povo não faz sentido».

No entendimento de Pedro Franco, que está convencido da realização das marchas populares em 2022, «as coisas não se fazem porque tem de se fazer, as coisas fazem-se desde que haja condições para se fazer de acordo com aquilo que é a estrutura do evento».

Pedro Franco recorda: quando a Câmara Municipal de Lisboa anunciou, em 2020, que não haveria a edição das Festas Populares desse ano e, consequentemente, do concurso das marchas populares, isso não significou a interrupção das atividades daqueles que fazem parte desses grupos.

«Como tudo mais, as comunidades das marchas continuaram a reinventar-se e a adaptar-se. A pandemia de covid-19 não parou as marchas populares de Lisboa», afirma,

defendendo que não se pode reduzir as coletividades às marchas populares: «Temos as componentes social, cultural, recreativa e desportiva. É um trabalho enorme», que se engrossa em alturas vulneráveis como esta,

explica, salvaguardando a importância económica, social e cultural das festas de Lisboa e das suas marchas populares.

De acordo com o líder das coletividades de Lisboa, foi importante para a sobrevivência das associações os apoios concedidos pelo município, lembrando que foi com alguma «surpresa» que receberam o anúncio do apoio de 15 mil euros, depois de terem recebido 7.500 euros em 2019 «para colmatar as despesas».

Estes apoios representaram um «balão de oxigénio» para as coletividades que «estavam com a corda na garganta». «Não estávamos à espera. Para nós foram muito bem-vindos esses valores, porque independentemente de aplicados seja onde for, ao fim ao cabo, ajudaram um bocadinho à gestão das coletividades», assegurou.

Tudo preparado para o desfile

Segundo Pedro Franco, «as coletividades estão preparadas para saírem para a rua com as suas marchas. É só ativá-las!», adiantando que as músicas e as coreografias estão prontas há dois anos. Contudo, pelo sim pelo não, alerta para a necessidade de se realizarem «algumas afinções» no Regulamento das Marchas Populares de Lisboa.

Na perspectiva deste responsável, o regulamento deve ser «limado», nomeadamente em termos de votação do presidente do júri que, por inerência do cargo, tem sido o presidente da ACCL. Os outros «retróques» que o regulamento necessita tem de ser feitos «pelas coletividades, em cooperação com a Câmara Municipal».



Turismo otimista com regresso de cruzeiros a Lisboa

O turismo foi um dos setores que, no imediato, mais sofreu com a pandemia. Mas, nesta altura, já se vê mais turistas nas ruas, o que levou o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, a prever que o turismo deverá crescer até ao fim-do-ano. Todavia, para os comerciantes de Lisboa, isso não significa mais receitas, apesar dos cruzeiros já terem voltado ao porto da capital.

Os números de agosto mostram uma clara recuperação – ainda que pequena – no turismo lisboeta e nacional, o que leva os responsáveis do setor a mostrarem-se otimistas, tanto pela evolução prevista, como pelo anúncio das novas medidas governamentais de apoio à retoma económica para o sector.

Inclusive, o ministro de Estado, da Economia e da Transição Digital de Portugal, Pedro Siza Vieira, foi à Conferência Mundial do Turismo, organizada pela Confederação do Turismo de Portugal (CTP), anunciar que o Governo vai continuar a lançar linhas de crédito para apoiar o setor do turismo, admitindo que retoma em curso ainda «vai ser lenta».

O responsável governamental revelou que, nas próximas semanas, será lançada uma nova linha de 150 milhões de euros para reforçar a oferta existente neste momento, lembrando que está em curso o programa Retomar para ajudar as empresas nas «discussões que estão a ter com os seus bancos no sentido de assegurarem o ajustamento dos seus créditos sobre moratórias às condições operacionais que podem antecipar».

Pedro Siza Vieira anunciou ainda o lançamento do programa Adaptar para atribuir incentivos a empresas do setor para investir e adequarem a sua oferta às novas condições de operação.

Para o início do ano, está previsto o lançamento do programa Reforçar, que se destina a empresas que pretendam começar a reduzir o seu endividamento ao abrigo das linhas covid-19.

Do ponto de vista de vários responsáveis, o incremento do turismo já se está a verificar com o regresso dos navios de cruzeiro ao

Porto de Lisboa (APL), prevendo-se que, até final de setembro, façam escala em Lisboa mais 25 navios de cruzeiro.

A acompanhar estas boas notícias, o Turismo de Lisboa (ATL) lançou vários vídeos promocionais da cidade de Lisboa de celebração da liberdade. Após promover Lisboa como o lugar para estar junto das pessoas que mais gostamos, para quebrar a rotina, para nos sentirmos vivos e para sorrir, o novo vídeo assenta no repto "Lisbon: a new way to be free", mostrando diversas atividades a explorar em Lisboa.

Mais hóspedes

Entretanto, os números do Instituto Nacional de Estatísticas acompanham esse sentimento otimista em relação ao crescimento do Turismo. Segundo o INE, o setor do alojamento turístico registou 1,6 milhões de hóspedes e 4,5 milhões de dormidas em julho deste ano.

Os proveitos registados nos estabelecimentos de alojamento turístico chegaram aos 296,9 milhões de euros no total e 223,4 milhões de euros relativamente a aposento. Contudo, em Lisboa, o INE revela que desde o início do ano e até julho, a capital portuguesa contou com 1,3 milhões de dormidas (10,4% do total), que se traduziram numa diminuição de 44,1%. Neste período, as dormidas de residentes caíram 1,2% e as de não residentes (peso de 61,5%) diminuíram 56,1%.

A para a diminuição do número de hóspedes, a cidade de Lisboa perdeu 6000 unidades de Alojamento Local (AL) desde o início da pandemia, devido à retração da procura turística.

Todas as soluções em www.enviosinternacionais.pt Siga o nosso trabalho:

mbe0001@mbeportugal.pt T. 213 838 239 | M. 918 797 581 | Rua Correia Teles, 28 A - 1350-100 Lisboa

MBE Campo de Ourique

Há 20 anos ao seu serviço

Horário: 9h00 às 19h00, Seg. a Sex.

Aqui no seu bairro encontra a MBE Campo de Ourique. Pode enviar todas as suas encomendas **NACIONAIS E INTERNACIONAIS!**

As nossas soluções

Envios & Embalagem

Recolhamos, embalamos e expedimos as suas encomendas.

Envio de Vinho

Enviamos vinho em embalagens certificadas UPS. Fazemos chegar até aos EUA!

Impressão

Serviços de impressão pequena e grande formato. Cartões de visita, folhetos, etc...

Design Gráfico

Produtimos brindes e material de comunicação profissional, lonas, vinil, roll-ups, etc...

Caixas Postais

Receba a sua correspondência e as suas encomendas na nossa loja!

VALE 10% DE DESCONTO*

*Apresente este folheto para beneficiar do seu desconto de 10% numa expedição.

VÂNIA
nail artist

Serviços de Estética - Unhas de Gel
Tratamentos de Laser

Rua Correia Teles nº 68 - 1350-103 Lisboa
Telefone 965824856 - Instagram @vanianailstore

FUNERÁRIA DE ARROIOS

Assistência técnica especializada de todos os serviços funerários

Vitor Graça 919 059 312 - Joaquim Grilarte 917 068 766

Funerais - Trasladações - Cremações - Artigos Religiosos
808 101 134

funarroiros@gmail.com | www.funeraria-arroios.pt

Sede: Rua Lucinda Simões, 1-B (Junto ao Mercado de Arroios) | 1900-304 Lisboa
Telf: 21 813 71 62 | Linha verde: 808 101 134 | Fax: 21 812 19 46

Massamá: Rua Miguel Torga 6-lj4, Massamá | 2745-820 QUELUZ
Telf: 214 396 246 | Linha verde: 808 101 134

Loja/Armazém: Rua Dom Fuas Roupinho, Nº 13/13A | 1900-191 LISBOA(Beato e S. João)
Telf: 218 137 162 | Linha verde: 808 101 134



CONCURSO

Montras de Natal

LISBOA

INSCRIÇÕES
15 DE OUTUBRO A 20 DE NOVEMBRO 2021

Informações:

www.lisboa.pt

www.uacs.pt

☎ 213 515 610

ORGANIZAÇÃO



PARCEIROS



Universidade Europeia
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES

